

Casa-Grande & Biquiu.

Nigéria são muitas, como disse, sobre outras terras, João Rosa. No artigo anterior (O Cometa n.º 333, p. 20) cantei a terra iorubana como aurora da humanidade. Devo, agora, chorar algumas mazelas. A República Federal da Nigéria é conhecida como Leão da África, distinção que, se cabe com justiça à sua magnífica seleção de futebol, deve ser qualificada no que diz respeito às relações econômicas, à política nossa de cada dia e a quase todo o resto.

O país é de um ontem. O conceito de uma só Nigéria - amálgama de Niger area - tem pouco mais de 100 anos, e, como realização plena, independente, menos de 50. A região da atual república tem sido, há mais de 10 séculos, um bordado de povos e culturas - os Haussa, os Iorubá e os Ibo, pra citar os mais parrudos - e cada um raramente se integrou em um projeto comum de “nação” (os impérios de Kanem-Bornum, ao norte, e Oyo, a sudoeste, foram esplêndidas exceções). A islamização do norte não incentivou a união continuada dos povos, e os iorubás, mesmo partilhando seus ritos & mitos, enfeudavam-se em cidades-estados, tal como na velha Hélade, sob a batuta de um rei ou chefe militar.

No século 19, feita a partilha da África, a Inglaterra azeitou sua máquina de moer povos, adquirindo terras e aliciando gentes continente afora. Em 1914, levantou cerca ao redor da Nigéria e decretou que tudo era dali pra frente um só país, ou seja, uma só colônia. Os Iorubá têm papel de abre-alas nesse enredo, pois uma de suas cidades, Lagos (antigo entreposto comercial português: Eko é o nome iorubá), foi dos primeiros loteamentos britânicos, e seguiu como capital colonial e da Nigéria independente, até 1991. Desde o final do século 18, a Iorubalândia vivia uma interminável guerra civil, de más conseqüências só para a maioria. Cidades devastadas, famílias vagueando sem casa, com fome, com medo. Mas muito Obá, Basorun e Alaafin (os poderosos chefões) fez carreira nessa lida de guerrear e rapinar patricios para vender aos europeus, e foi na orgia dessa centenária guerra civil que milhares de escravos foram dar em lugares como Cuba e a Bahia. A aventura transatlântica fez de nossa cultura candombleira essa beleza que é hoje, à custa de muita mercadoria humana receptada pelos europeus com a benção de nobres famílias iorubanas. Axé.

Foi, portanto, algo aliviados que os nigerianos recebe-



ram a Pax Britânica. Os ingleses decidiram que guerra e escravidão não eram bons negócios, e mais-valia agora surrupiar diretamente os recursos. Com os “tratados de amizade”, as elites nigerianas conservavam algum poder, mas havia que acender uma vela para a metrópole. Quando os obás deram pela coisa, já não mandavam como antes, e pra qualquer assunto (principalmente o comércio) deviam reportar-se a um preposto da Rainha Vitória ou do Eduardinho. Os britânicos semeavam o terreno para a sangria econômica e as distorções culturais da Nigéria. Trouxeram, além do business, seus missionários cristãos, inebriando os selvagens animistas com as delícias sagradas das escrituras. Estava aberta a porteira daquilo que o historiador guianense Walter Rodney chamou de “subdesenvolvimento deliberado” do continente africano. Independente, a jovem nação nigeriana sai do neocolonialismo inglês direto pros braços de velhos conhecidos nossos, os Empire States of América, que aprimoraram essas duas nobres instituições: a divinização do lucro e o fundamentalismo cristão, e com maior vigor na Iorubalândia, onde sempre foi menor a influência islâmica.

Com toda essa digressão histórica tento explicar a mim mesmo algumas “contradições do capitalismo” (diria o Che) - e nem só econômicas -, no lugar em que estou, ou sinto na pele como tais. O diabo é que colonialismo e exploração internacional por si sós, por mais eficientes que sejam, não determinam todo passo de um povo. E ainda menos (vide a digressão histórica) quando o povo em questão tem longas tradições estabelecidas, muito antes de gentis-homens e cowboys aí meterem as botas. Nós brasileiros ficamos pouco à vontade com esse quadro, pois somos, ao fim e ao cabo, frutos exóticos da própria colonização: um “povo novo”, pra citar Darcy Ribeiro pela enésima vez em meus escritos (e não pretendo parar). Pois aqui na Nigéria, o samba-lêlé capitalista despudorado, e seu filhote, a dependência tecnológica, de mãos dadas a várias denominações cristianizantes (para as quais aceitar Jesus é referência completa de uma moral perfeita), caem como uma bomba de efeito retardante numa sociedade de muitos quilômetros rodados, e isso se dá no próprio entrelaçar dessa sociedade com as, digamos, commodities ocidentais.

Exemplo? Na tradicional família iorubana, ter muitos filhos (ou mais de uma esposa) é condição benquistíssima, tanto mais que o patriarca serve-se de mais braços para toda

a família prosperar. Imaginem então que isso tem que se encaixar, de algum modo, no modo burguês de produção, e o resultado, geralmente, é exploração pura e simples de trabalho infantil. No início eu admirava as crianças, mesmo de famílias enricadas, realizando sem reclamar qualquer tarefa, em contraste com a proverbial inutilidade dos pentelinhos ricos do Brasil. Mas a regularidade me fez suspeitar que não se tratava só de espírito cooperativo dos baixinhos, mas de uma férrea imposição do clã. Mais que solidariedade, essas crianças e adolescentes estão aprendendo o seu lugar.

E por aí vai, nas demais relações que ocidentalmente chamaríamos “de classe”. Na Iorubalândia, o respeito ao mais velho, ao patriarca, ao rei, reflete a estrutura em que a terra pertence ao clã e o clã tem um chefe. Do respeito ao agbá (da família) até o obá (da cidade), repete-se o plano hierárquico, demonstrado, inclusive, fisicamente: homens curvam-se e em alguns casos até deitam e rolam perante o babá relativo; mulheres dobram os joelhos, também em vários níveis de proximidade com o solo. E então surge um mundo novo de novos babás: os “oyinbôs” (colonizadores, pós-colonizadores ou, aliás, qualquer branco), os novos chefes políticos e militares (com pedigree em perversidades históricas), os pastores de Cristo, os donos dos grandes negócios (ou negociatas, sempre em prejuízo dos seus quando tem gringo na jogada) e uma gente culta e orgulhosa, que se educou na Europa ou nos EUA (mais recentemente, aqui mesmo), ostentando o título como distintiva distância da plebe.

Na universidade em que leciono, vivo um fenômeno que bem retrata a posição desses novos senhores, os professores universitários (eu mesmo sou, além disso, oyinbô e, portanto, duas vezes babá). Em tese, a instituição destina a cada professor e sua família uma habitação nas dependências do campus. Mas a disponibilidade é limitada, e então há filas de espera, e guerras às vezes bem sujas de bastidores, pelo almejado teto. Todos querem uma casa no campus (Zé Rodrix & Tavito), principalmente em razão dos quesitos transporte (precaríssimo) e segurança (idem). Talvez pela cultura local ou, mais desconfio, por herança dos ingleses (que sempre tiveram pavor de se misturar), a cada casa corresponde uma residência de empregados, ou boys quarters (BQ: leia “biquiu”). Mas com tanta disputa entre gente graúda por viver no conforto do campus, quem disse que são mesmo empregados a morar nos biquiuis?

Aqui na Iorubalândia, ou ao menos nesse microcosmo de relações senhorial-servis que é a universidade, nem as senzalas são o refúgio último dos que se curvam, rolam e ajoelham. Resta fugir para o mato, quilombolando na própria terra dos ancestrais.

